

Quem ganha e quem perde? Um ensaio comparativo entre a Região Sul do Brasil e o Canadá sobre a dinâmica do emprego industrial

Isabela Barchet

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon (ISEPE-Rondon)

Jandir Ferrera de Lima

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Alberto Alves da Rocha

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Recebido: 16/05/2016 Versão revisada (entregue): 11/08/2017 Aprovado: 25/08/2017

Resumo

A partir de uma análise comparativa entre a Região Sul do Brasil e a Província do Québec no Canadá, este artigo procurou identificar os espaços ganhadores e perdedores em termos de emprego industrial. Para tanto, o estudo adota parâmetros estatísticos, do Coeficiente de concentração de Gini, para discutir a dinâmica do emprego no espaço escolhido. Também se verificaram as tendências de ordenamento territorial em espaços com distintos estágios de crescimento e desenvolvimento econômico. Observou-se que a movimentação do emprego industrial, na Região Sul do Brasil, dissolveu a exclusividade das regiões metropolitanas na alocação do emprego, permitindo uma especialização maior do espaço na indústria de transformação e o surgimento de microrregiões industriais de médio porte. No Québec, verificou-se que o emprego industrial continua concentrado nas regiões onde foram observadas as primeiras incidências em relação às concentrações industriais.

Palavras-chave | Aglomerações; Brasil; Canadá; dinâmica territorial; indústria de transformação.

Código JEL | J21; O57; R12.

WHO WINS AND LOSES? A COMPARATIVE ESSAY BETWEEN THE SOUTH OF BRAZIL AND CANADA ON THE DYNAMICS OF INDUSTRIAL EMPLOYMENT

Abstract

Based on a comparative analysis between the Southern Brazil and Quebec Province in Canada, this article aims to identify the winners and losers spaces in industrial employment term. There was also, a observation on the trends of spatial planning in spaces with different stages of growth and economic development. Therefore, the study adopts statistical parameters of the Gini concentration coefficient to discuss the employment dynamics in the chosen space. It was observed that the movement of industrial employment in the South Region, dissolved the exclusivity of the metropolitan regions in the allocation of jobs. It allows greater specialization of space in the manufacturing industry and the emergence of industrial micro midrange. In Québec, it was found that industrial employment remains concentrated in the regions where the first incidences were observed in relation to industrial concentrations.

Keywords | Agglomerations; territorial dynamics; transformation industry.

JEL-Code | J21; O57; R12.

¿QUIEN GANA Y QUIEN PERDE? UN ENSAYO COMPARATIVO ENTRE LA REGIÓN SUR DEL BRASIL Y EL CANADÁ SOBRE LA DINÁMICA DEL EMPLEO INDUSTRIAL

Resumen

A partir de un análisis comparativo entre el sur de Brasil y en la provincia de Quebec en Canadá, este artículo buscó identificar los espacios ganadores y perdedores en términos de empleo industrial. Para ello, el estudio adopta parámetros estadísticos del Coeficiente de concentración de Gini para discutir la dinámica del empleo en el espacio escogido. También se comprobaron las tendencias de ordenamiento territorial en espacios con etapas de crecimiento y desarrollo económico distintos. Se observó que el movimiento del empleo industrial en la Región Sur de Brasil disolvió la exclusividad de las áreas metropolitanas en la asignación de puestos de trabajo, lo que permite una mayor especialización del espacio en la industria manufacturera y la aparición de micro-regiones industriales de media gama. En Quebec, se descubrió que el empleo industrial sigue concentrado en las regiones donde se observaron las primeras incidencias en relación a las concentraciones industriales.

Palabras-clave | Aglomeraciones; Brasil; Canadá; dinámica territorial; industria de transformación.

Código JEL | J21; O57; R12.

Introdução

Em termos de ordenamento do espaço regional, observa-se a intensificação do crescimento econômico de algumas regiões periféricas às tradicionais regiões produtivas, dando origem a uma recomposição da hierarquia dos espaços produtivos. Todavia, para Benko (1999, 2001), os espaços com crescimento

econômico expressivo se estabeleceriam sob a forma de um sistema de economias regionais polarizadas, construídas em torno de zonas metropolitanas centrais ou sob a forma de regiões megalopolitanas.

A força produtiva e organizacional dos espaços nacionais, sob o ponto de vista de Benko e Lipietz (1994), se desfazem diante de uma rede horizontal de características regionais que organiza os distritos industriais em um espaço amplamente globalizado. Assim, para acompanhar o movimento de internacionalização da atividade econômica e de uma produção cada vez mais destituída de fronteiras reais, os espaços ganhadores em termos de emprego industrial seriam, majoritariamente, regiões metropolitanas.

Nesse contexto, para compreender a configuração do emprego industrial e identificar possíveis tendências do ordenamento produtivo espacial, o presente artigo se fundamenta em uma análise comparativa entre a Região Sul do Brasil e a Província do Québec, no Canadá, próximas em termos da representatividade econômica e produtiva no cenário nacional de seus países, mas com panorama diferenciado em termos de crescimento e desenvolvimento econômico regional.

Assim, a problemática desse estudo instaurou-se a partir do seguinte questionamento: quais são as semelhanças e as diferenças relacionadas à configuração espacial do emprego industrial entre espaços com estágios distintos de crescimento e desenvolvimento econômico regional?

Dessa forma, este artigo procurou identificar as microrregiões ganhadoras e perdedoras na Região Sul do Brasil, em termos de dinâmica do emprego industrial, comparando-as com as regiões administrativas (RA's)¹ ganhadoras e perdedoras na Província do Québec no Canadá.

Buscou-se, com isso, discutir a distribuição e a evolução do emprego industrial fundamentada nas proposições de Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999, 2001), que proporcionam uma caracterização das regiões que mais perderam ou ganharam em termos de emprego industrial, buscando congregiar algumas possíveis tendências em relação ao ordenamento do espaço regional.

Além desta seção introdutória, o artigo apresenta mais três seções. Na seção seguinte descreve-se o ferramental metodológico adotado para o desenvolvimento deste artigo. Na terceira seção discutem-se os resultados a partir do procedimento metodológico adotado e das proposições de Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999, 2001). Por fim, a quarta seção traz as considerações finais deste estudo.

¹ Uma região administrativa na Província do Québec equivale, em termos de recorte territorial, a uma microrregião no Brasil.

Descrição metodológica: espaço de análise e procedimento

Partindo de uma análise comparativa entre duas regiões industrialmente produtivas, localizadas em países com diferenças na estrutura produtiva e econômica, mas com forte identidade nacional, este trabalho foca a Região Sul do Brasil e a Província do Québec no Canadá.

O primeiro recorte territorial desta análise é a Região Sul do Brasil, composta pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Representa 6,63% do território nacional e 14,36% da população brasileira; aproximadamente 15% da população desta região reside em áreas rurais. No que concerne as capitais, Porto Alegre concentra 15,5%, Curitiba, 19,7%, e Florianópolis, 7,7% da população, referente ao ano de 2010 (IPEA, 2015).

Conserva as mesmas características da maior parte do território brasileiro, ou seja, as áreas em direção ao leste (litoral) tendem a ser as mais populosas e com uma estrutura produtiva, econômica e de infraestrutura mais consolidada e diversificada. As áreas ao oeste são consideradas espaços de ocupação recente.

Faz fronteira a oeste com três países da América Latina (Argentina, Paraguai e Uruguai), sendo considerada uma região de interesse de relacionamento com o Mercosul. A territorialidade política do Sul do Brasil consta 23 mesorregiões, divididas em 94 microrregiões.

A estrutura produtiva e econômica concentra 16,55% do Produto Interno Bruto nacional (PIB) e se caracteriza como a segunda maior região exportadora do Brasil, em valores monetários (IPEA, 2015).

Visto sob a ótica do emprego industrial a região sempre ocupou um papel de destaque no cenário nacional, por apresentar diversas condições propícias para acolher o transbordamento do setor industrial paulista. Ao longo dos anos, consolidou-se como um importante espaço industrial. Absorve a segunda maior parcela de pessoas ocupadas na indústria de transformação no Brasil, atrás apenas da Região Sudeste (IPEA, 2015).

O segundo recorte territorial a ser analisado por esse estudo é a Província do Québec. O Québec é uma das dez províncias do Canadá, que possuía também três territórios, e situa-se em direção ao leste canadense. É a maior Província em extensão territorial do país, e a segunda mais populosa do Canadá, com cerca de 23% da população do país. A maior cidade é Montreal, a segunda maior do País. Porém, a capital da Província é a Cidade de Québec.

Em termos de divisão territorial, a Província do Québec está subdividida em 17 regiões administrativas (RA), que são equivalentes às microrregiões geográficas no Brasil. Destaca-se que, apesar de compreender um vasto território, a maior parte da Província é escassamente povoada. Parcela significativa da população vive numa

estreita faixa territorial que segue uma via aquática de escoamento da produção (Fleuve Saint-Laurent). Consequentemente, a densidade demográfica da Província é baixa – apenas 4,93 habitantes por km², sendo que mais de 80% dos cerca de 8 milhões de habitantes da província residem na área urbana (STATISTIQUE CANADA, 2015).

Em adição, vale ressaltar que a Província passou ao longo das últimas seis décadas por significativas transformações demográficas. A partir do final da década de 1990, chegou a apresentar um dos maiores níveis de fecundidade entre os países desenvolvidos, se estabelecendo com média de 1,59 filhos por mulher na década de 2000. No entanto, o envelhecimento da geração conhecida como *Baby-Boomers*, nascidos entre os anos de 46 e 64, com expectativa de vida de 82 anos, acelera o envelhecimento da população.

O Québec é responsável pela produção de uma parcela significativa dos produtos industriais e agropecuários do Canadá. Os principais produtos são alimentos, madeira e derivados, aviões, químicos e roupas. Especificamente, a Província do Québec apresenta a segunda maior parcela de pessoas ocupadas na indústria de transformação, ficando atrás apenas da Província de Ontário (STATISTIQUE CANADA, 2015).

Em termos de procedimento metodológico, para identificar os espaços ganhadores e perdedores no processo de espraiamento do emprego industrial na Região Sul do Brasil e na Província do Québec no Canadá – e, consequentemente, abordar e identificar a reconfiguração espacial da produção industrial conforme os apontamentos de Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999, 2001) –, adotaram-se alguns parâmetros estatísticos, entre os quais estão o Coeficiente de Assimetria de Pearson e o Coeficiente de concentração de Gini.

De forma específica, para identificar os espaços ganhadores e perdedores instaurou-se uma discussão acerca do aumento/redução da participação relativa de cada microrregião (ou região administrativa – RA) no estoque de emprego industrial estadual entre 1996 e 2013 para a Região Sul e entre 1996 e 2012 para a Província do Québec. Ao assumir essa diferença pode-se obter uma medida que delinea quais regiões expandiram sua participação no emprego industrial e quais regiões reduziram sua participação no emprego total. Para tanto, a participação do emprego industrial da microrregião ou região administrativa (RA) *i* em cada período de tempo foi obtido pela equação (1) a seguir:

$$\lambda_i = \frac{E_j^i}{EE_j} \quad (1)$$

Em que E_j^i caracteriza o emprego industrial na microrregião/RA; i do Estado/Província de referência e EE_j representa o estoque de emprego industrial do Estado/Província de referência. Ao tomar a diferença dessas participações no recorte de tempo adotado para cada espaço de análise, pode-se obter uma relação das microrregiões/RA's que mais ganharam em termos de participação do emprego industrial e as que mais perderam.

Considerando os espaços ganhadores e perdedores identificados será possível estabelecer algumas preposições acerca da tendência apontada por Benko e Lipietz (1994). As regiões ganhadoras do período pós-globalização seriam regiões urbanas, ou, em linhas gerais, cidades com aglomerações urbanas representativas dentro de um cenário de referência.

Resultados e discussões

Em função do exposto, buscando identificar ganhadores e perdedores no processo de reconfiguração da produção industrial, inicialmente na Região Sul do Brasil, adotou-se como critério a discussão acerca do aumento/redução da participação relativa de cada microrregião no estoque de emprego industrial estadual entre 1996 e 2013. Ao assumir essa diferença, pode-se obter uma relação das microrregiões que mais ganharam em termos de participação do emprego industrial e as que mais perderam. A Tabela 1 exhibe as microrregiões que mais ganharam em participação relativa no emprego industrial entre 1996 e 2013.

As microrregiões que mais ganharam em participação não incluem as pertencentes ao “novo polígono de aglomeração industrial”² apontado por Diniz (1993, p. 37), e, tampouco, as microrregiões das capitais estaduais. Além disso, à exceção da microrregião Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul, nenhuma outra região ganhadora apresenta mais de 60 mil empregos industriais.

Observou-se também que quase a totalidade das microrregiões com ganho expressivo em termos de emprego industrial no período analisado não figuram como as cinco maiores microrregiões populacionais de cada estado de referência³. Uma parcela significativa destas microrregiões está na contramão dos grandes centros urbanos, principalmente em termos de proximidade.

² Novo polígono de aglomeração industrial: Belo Horizonte-Uberlândia-Londrina/Maringá-Porto Alegre-Florianópolis-São José dos Campos-Belo Horizonte.

³ Para informações detalhadas ver Censo demográfico 2010.

Tabela 1 Microrregiões ganhadoras na Região Sul, 1996 e 2013

Microrregião	Emprego IT 1996	Part. 1996 (%)	Emprego IT 2013	Part. 2013 (%)	Δ% do emprego 1996-2013
Paraná					
Toledo	8.948	2,96	34.408	5,02	2,06
Cascavel	7.679	2,54	28.211	4,12	1,57
Umuarama	5.667	1,88	21.987	3,21	1,33
Foz do Iguaçu	3.817	1,26	17.033	2,49	1,22
Astorga	4.693	1,55	18.860	2,75	1,20
Rio Grande do Sul					
Caxias do Sul	77.691	16,35	145.028	20,06	3,72
Passo Fundo	10.439	2,20	23.123	3,20	1,00
Litoral-Lagunar	4.592	0,97	13.741	1,90	0,93
Ijuí	4.244	0,89	12.696	1,76	0,86
Montenegro	15.504	3,26	29.611	4,10	0,83
Santa Catarina					
Itajaí	8.214	2,53	34.246	5,16	2,64
Chapecó	17.201	5,29	44.639	6,73	1,44
Tubarão	11.940	3,67	33.330	5,03	1,35
Criciúma	20.066	6,17	48.498	7,31	1,14
Araranguá	3.339	1,03	13.116	1,98	0,95

Fonte: Elaboração própria com base em MTE/RAIS (2015).

Para a Região Sul do Brasil, no período analisado, verificou-se que as proposições apontadas por Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999; 2001), em relação às tendências de ordenamento do espaço advindas da mundialização da economia, apresentam alguns desdobramentos diferenciados. Para os autores, de maneira indiscutível, há um movimento de internacionalização da atividade econômica em um mundo cada vez mais destituído de fronteiras reais.

Por outro lado, observa-se a intensificação do crescimento econômico de certo número de regiões, dando origem a uma recomposição da hierarquia dos espaços produtivos. Essas regiões seriam, majoritariamente, metropolitanas.

De maneira específica, para Benko (2001), os espaços com crescimento econômicos expressivos se estabeleceriam sob a forma de um sistema de economias regionais

polarizadas, construídas em torno de zonas metropolitanas centrais ou sob a forma de regiões megalopolitanas.

Assim, em um primeiro momento, seria condizente esperar que as regiões ganhadoras, em termos de emprego industrial ou de aglomerados produtivos, fossem as microrregiões dos grandes centros urbanos. No entanto, não é identificada essa situação na Região Sul do Brasil, no período entre 1996 e 2013.

Entretanto, ao afirmarem também que a mundialização da economia heterogeneiza o espaço e promove sua polarização, os autores citados observam o crescimento de uma rede de regiões dinâmicas. Visto que tais regiões demonstram mais reatividade que outras e, na maioria das vezes, dispõem das mesmas vantagens de acesso aos mercados que as grandes regiões metropolitanas.

Segundo Benko (1998, 2001), ao longo dos anos 1970 e 1980, muitos espaços vivenciaram os efeitos de um processo de descentralização político e econômico, fazendo com que a gestão de inúmeros bens coletivos fosse, a partir de então e com frequência, regionalizados.

Dessa maneira, as regiões tornaram-se fontes de vantagens concorrenciais. Ocasionalmente a descoberta de que as relações entre os atores locais podem exercer um papel determinante na competitividade das atividades econômicas, retomando a discussão acerca dos distritos industriais marshallianos. Esse contexto recoloca os agrupamentos industriais, como a força condutora da polarização da atividade econômica, perpassando e se estabelecendo nos espaços geográficos.

Com esse sentido, Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999; 2001) sinalizam para um cenário em que existe a possibilidade das metrópoles não serem as únicas ganhadoras no processo de desconcentração industrial e recomposição do espaço. Outras regiões com alguma atratividade, na maioria das vezes oriunda de agrupamentos industriais, podem fazer parte desse cenário.

Como exposto na Tabela 1, as cinco microrregiões que mais ganharam em termos de participação relativa e de emprego industrial no estado do Paraná foram as microrregiões de Toledo, Cascavel e Foz do Iguaçu. Estão situadas no Oeste Paranaense e apresentam como estrutura produtiva principal o segmento alimentício. Adiciona-se ainda a essa lista a microrregião de Umuarama, situada no Noroeste Paranaense e alicerçada no segmento alimentício e moveleiro, bem como a microrregião de Astorga, localizado na mesorregião Norte Central Paranaense e com espaços limítrofes com as microrregiões de Maringá e Apucarana, sinalizando uma influência do setor têxtil e confecção de vestuários. Essas cinco regiões totalizaram mais de 120 mil trabalhadores industriais em 2013, representando 17,6% do emprego industrial paranaense. No agregado, as microrregiões ganhadoras ampliaram, em termos relativos, em 7,4% sua participação no emprego industrial entre 1996 e 2013.

No Rio Grande do Sul, as cinco microrregiões ganhadoras totalizaram mais de 224 mil postos de trabalho em 2013, absorvendo 31% do emprego industrial sul-rio-grandense. No conjunto, a participação no emprego industrial entre 1996 e 2013 dessas microrregiões expandiu 7,3%. As microrregiões de Caxias do Sul e Montenegro apresentam estrutura produtiva alicerçada nos segmentos de bebida, artigos em couro e confecção de artigos do vestuário. A microrregião Litoral Lagunar se destaca nas atividades industriais ligadas ao porto de Rio Grande. As microrregiões de Ijuí e de Passo Fundo destacam-se nas atividades ligadas à metalurgia e ao segmento alimentício.

No estado de Santa Catarina, as regiões que expandiram significativamente a participação no emprego industrial foram as microrregiões de Criciúma, Tubarão e Araranguá, que se destacam na fabricação de produtos em cerâmica. Na microrregião de Chapecó se observou uma relevância do segmento alimentício e na fabricação de produtos eletro-metal-mecânico. A microrregião de Itajaí apresenta espaços limítrofes com as duas microrregiões com áreas de concentração industrial consolidadas e de formação inicial, ou seja, o caso do segmento têxtil-vestuário em Blumenau e da fabricação eletro-metal-mecânica em Joinville. Juntas, essas cinco microrregiões ganhadoras ampliaram, em termos relativos, em 7,5% sua participação no emprego industrial entre 1996 e 2013.

Com o intuito de dar sequência à discussão, a Tabela 2 explicita as cinco microrregiões de cada estado da Região Sul que mais perderam empregos industriais em termos relativos entre 1996 e 2013.

Fazem parte dessa relação as microrregiões metropolitanas e áreas de concentração industrial consolidadas historicamente, ou seja, as microrregiões de Londrina, Blumenau e Joinville. De um modo geral, percebeu-se que esse grupo de microrregiões apresenta um grau elevado de industrialização e uma forte presença de indústrias de maior conteúdo tecnológico. Ressalta-se que grande parte desta dinâmica de destruição da participação no total do emprego industrial deve-se às microrregiões de Curitiba e de Porto Alegre.

Estudos insinuam que em antigas áreas industriais grande parte das perdas em termos de emprego concentram-se em indústrias tradicionais. Em indústrias tecnologicamente mais avançadas, estas áreas apresentariam um ganho no emprego total. Com isso, algumas áreas parecem se especializar ainda mais em indústrias tecnologicamente mais avançadas.

Essa dinâmica poderia ser visualizada de forma expressiva em São Paulo e no Rio de Janeiro e, possivelmente em regiões metropolitanas da Região Sul do Brasil (MOREIRA; FERNANDES, 2013). Um exemplo desse contexto seria a microrregião de Porto Alegre, que perdeu 10% de participação no emprego industrial sul-rio-grandense no período analisado.

De maneira específica, além da microrregião de Porto Alegre, as outras regiões perdedoras no estado do Rio Grande do Sul são as microrregiões de Pelotas, Santa

Cruz do Sul, Gramado-Canela e Cachoeira do Sul. Em conjunto, essas áreas representavam 56% do emprego industrial sul-rio-grandense em 1996, passando em 2013 para um patamar em torno de 44%, o que refletiu uma perda de mais de 12% no período analisado.

Os demais estados analisados apresentaram perdas menores, principalmente em respeito às regiões com uma concentração do emprego industrial consolidada.

Em Santa Catarina, as maiores perdas são atribuídas às microrregiões de São Bento do Sul e Canoinhas, nas quais existe o predomínio de indústrias relacionadas à fabricação de móveis e produtos em madeira. Somam-se a elas as tradicionais microrregiões de Blumenau, Joinville e de Joaçaba, na qual o emprego pode ser associado a indústrias de papel e celulose e a fabricação de produtos em madeira. No período analisado, essas cinco microrregiões perderam em torno de 9% da participação no total do emprego industrial do Estado.

No estado do Paraná, como enunciado anteriormente, as maiores perdas em termos de participação relativa no estoque estadual de emprego industrial são conferidas na microrregião de Curitiba e Londrina, que representam áreas de concentração industrial historicamente definida. Soma-se a essas áreas a microrregião de Ponta Grossa, que apresenta uma dinâmica muito próxima à da microrregião de Curitiba, e as microrregiões de Guarapuava e União da Vitória. No agregado, essas cinco regiões representavam 54% do emprego industrial em 1996; com declínio em torno de 10,5%, passaram a expressar 43% do estoque de emprego industrial Paranaense.

Tabela 22 Microrregiões perdedoras na Região Sul, 1996 e 2013

Microrregião	Emprego IT 1996	Part. 1996 (%)	Emprego IT 2013	Part. 2013 (%)	Δ% do emprego 1996-2013
Paraná					
Curitiba	107.230	35,51	202.913	29,62	-5,89
Ponta Grossa	15.811	5,24	25.145	3,67	-1,57
Londrina	25.140	8,32	49.417	7,21	-1,11
Guarapuava	8.876	2,94	13.057	1,91	-1,03
União da Vitória	6.253	2,07	7.277	1,06	-1,01
Rio Grande do Sul					
Porto Alegre	192.567	40,52	220.651	30,53	-10,00
Pelotas	12.866	2,71	11.774	1,63	-1,08
Santa Cruz do Sul	17.950	3,78	22.891	3,17	-0,61
Gramado-Canela	40.326	8,49	56.915	7,87	-0,61
Cachoeira do Sul	3.861	0,81	4.754	0,66	-0,15
Santa Catarina					
Joinville	76.650	23,58	136.679	20,61	-2,97
Blumenau	72.536	22,32	134.803	20,33	-1,99
São Bento do Sul	17.792	5,47	23.625	3,56	-1,91
Joaçaba	21.798	6,71	36.414	5,49	-1,22
Canoinhas	10.257	3,16	14.272	2,15	-1,00

Fonte: Elaboração própria com base em MTE/RAIS (2015).

Observando em conjunto as regiões ganhadoras e perdedoras na Região Sul do Brasil, verifica-se que as indústrias foram afastadas dos centros metropolitanos e os espaços ocupados nas periferias desses centros tornaram-se mais complexos. Além disso, em alguns casos as novas atividades produtivas deslocaram-se para espaços distantes das áreas metropolitanas.

Em linhas gerais, o Rio Grande do Sul foi o estado que mais se aproximou da tendência pós-globalização apontada por Georges Benko. Verificou-se que nesse espaço, apesar de existir o espraiamento do setor de transformação entre 1996 e 2013, a região metropolitana de Porto Alegre ainda exerce uma força significativa de atração frente ao setor industrial.

Assim, constatou-se que parcela significativa do setor industrial ficou situado no entorno da região metropolitana, aproximadamente em um espaço de até 170

quilômetros de distância de Porto Alegre, situação ratificada pelas regiões ganhadoras identificadas para esse Estado. Com isso, a formação de um megapolo industrial, tendo como epicentro a região metropolitana de Porto Alegre, tal como sugerido por Georges Benko, pode ser uma tendência consolidada nas próximas décadas.

As regiões perdedoras são caracterizadas, em sua maioria, pelas capitais estaduais, por espaços urbanos de médio a grande porte e consolidados ao longo do tempo como espaços industriais e, também por espaços urbanos de pequeno a médio porte periféricos frente ao setor de transformação. Esses, por consequência, estão se tornando cada vez mais periféricos em relação à dinâmica econômica regional. Como é o caso da mesorregião Centro-Sul Paranaense, da mesorregião Sudoeste e Sudeste Rio-Grandense.

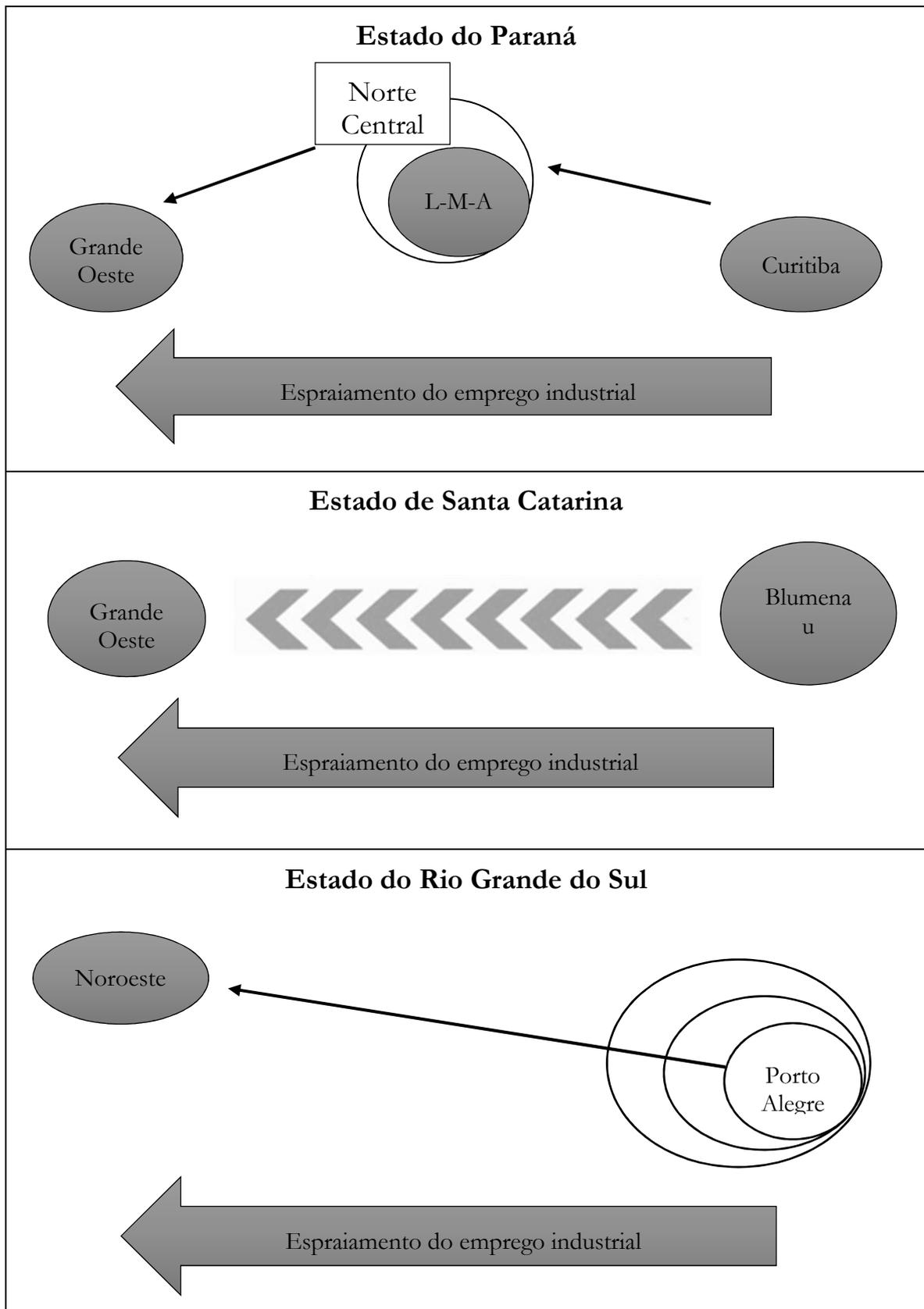
A Figura 1 apresenta a configuração espacial do emprego industrial na Região Sul do Brasil. No estado do Paraná, ao longo do período analisado, verificou-se que o emprego industrial se deslocou da cidade de Curitiba e seu entorno em direção as cidades de Londrina, Maringá e Apucarana.

Após a especialização desses espaços, em alguns subsetores da indústria de transformação, o emprego industrial espalhou-se para outras microrregiões no entorno das cidades citadas anteriormente. Com ênfase na mesorregião Norte Central Paranaense, possibilitando que a microrregião de Astorga fosse consolidada como região ganhadora e como um novo espaço industrial, por exemplo.

O segundo movimento do emprego industrial, ainda no Estado do Paraná, foi observado em direção ao Oeste do Estado. Essa situação permitiu que as microrregiões de Foz do Iguaçu, Toledo e Cascavel alocassem um número considerável de aglomerados industriais, identificados por essa pesquisa, consolidando-se como polos de crescimento regional apoiados no setor de transformação.

Em Santa Catarina, ao longo do período discutido tornou-se evidente a redução das desigualdades produtivas entre as microrregiões catarinenses, indicando um espraiamento expressivo e igualitário da indústria de transformação nesse espaço. Uma parcela significativa do emprego industrial deslocou-se das microrregiões de Blumenau e Joinville em direção ao oeste do estado catarinense. Todavia, diferente do observado em outros estados, esse emprego foi absorvido em diferente grau por inúmeras microrregiões ao longo de sua trajetória.

Figura 1 A configuração espacial do emprego industrial, Região Sul



Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

Como exposto, o estado do Rio Grande do Sul foi o que apresentou configuração espacial do setor de transformação mais próxima do postulado por Georges Benko.

O emprego industrial no Rio Grande do Sul, como ilustrado na Figura 1, gravita em torno de Porto Alegre. Situação ratificada pela identificação de três microrregiões ganhadoras, em que suas cidades-sede se localizam em um raio de distância de até 170 quilômetros da capital. A parcela do emprego industrial que se espalha pelo estado, ao longo do período analisado, apresentou como destino a mesorregião Noroeste Rio-Grandense.

Assim, nesse estado, mesmo havendo uma dispersão do emprego industrial, entre 1996 e 2013, para espaços até o momento sem a presença do setor de transformação, ainda está concentrado no entorno de Porto Alegre. E, por consequência, apresenta uma distribuição do emprego menos igualitária para todas as microrregiões industriais, principalmente em virtude da força de atratividade expressiva exercida pela capital.

Procurando identificar ganhadores e perdedores na dinâmica do emprego industrial da Província do Québec, a Tabela 3 exhibe as regiões administrativas que mais ganharam e as que mais perderam em termos de participação e quantidade do emprego industrial entre 1996 e 2012.

Mesmo que a distribuição do emprego industrial entre as RA's tenha se apresentado estática, a partir da observação dos mapas, percebeu-se que as cinco regiões administrativas ganhadoras são as que mais absorvem. São mais de 20 mil empregos da indústria de transformação que compõem um espaço industrial consolidado. Em certa medida, o parque industrial da Província do Québec situa-se nessas RA's ganhadoras, fator que evidencia a concentração industrial discutida anteriormente.

Tabela 3 Regiões ganhadoras e perdedoras, Québec, 1996 e 2012

RA	Emprego IT 1996	Part. 1996 (%)	Emprego IT 2012	Part. 2012 (%)	Δ% do emprego 1996-2012
RA's ganhadoras					
Laurentides	35.800	6,60	41.000	8,22	1,61
Lanaudière	29.600	5,46	31.600	6,33	0,87
Montréal	119.700	22,08	113.700	22,79	0,71
Chaudière-Appalaches	44.600	8,23	44.500	8,92	0,69
Centre-du-Québec	23.200	4,28	24.700	4,95	0,67
RA's perdedoras					
Montréal	132.500	24,44	102.100	20,46	-3,98
Mauricie	19.800	3,65	16.200	3,25	-0,41
Outaouais	10.000	1,84	7.500	1,50	-0,34
Estrie	30.700	5,66	27.600	5,53	-0,13
Saguenay-LSJ	18.300	3,38	16.300	3,27	-0,11

Fonte: Elaboração própria com base em ISQ (2015).

As cinco RA's ganhadoras totalizaram mais de 255 mil postos de trabalho em 2012, absorvendo em torno de 51% do emprego industrial da província. Em conjunto, a participação no emprego industrial, entre 1996 e 2012, dessas RA's expandiu 4,5%.

Entre as regiões que mais ganharam estão: as RA's de Laurentides e Lanaudière, com estrutura produtiva alicerçada nos segmentos de fabricação de produtos de transporte e produtos metálicos. Na RA de Montréal se destacam atividades industriais ligadas a fabricação de alimentos e de produtos metálicos. As RA's de Chaudière-Appalaches e Centre-du-Québec recebem destaque nas atividades relacionadas à fabricação de maquinários, produtos em plástico e borracha e no segmento industrial fabricação de papel.

A geografia econômica do Québec foi discutida sob o ponto de vista do potencial de acesso ao mercado de diferentes regiões da Província. Segundo Laurin (2009), quanto mais baixo for o índice de acesso ao mercado, mais longe a região está dos principais mercados quebecoas (Montréal, Québec e Gatineau), constituindo um custo suplementar para a firma.

De acordo com os estudos do autor, quanto mais uma região se distancia da grande região metropolitana de Montréal, mais o índice de potencial de mercado diminui.

Assim, os espaços com uma desvantagem geográfica significativa seriam aqueles situados em Gaspésie, Côte-Nord e em Abitibi-Témiscamingue.

A cidade do Québec se diferencia também por apresentar um forte índice, em função do tamanho do poder de compra que ela apresenta, capaz de irrigar o potencial de mercado dos espaços vizinhos.

Existem também duas zonas geográficas às margens da “*Fleur de Saint-Laurent*” que se situam fora do campo de influência de Montréal e Québec, mas que se influenciam mutuamente por se constituir em um mercado interessante. Esses espaços situam-se ao longo de três principais rodovias da província, que ao norte abrange as cidades de, entre outras, Lanaudière e Trois-Rivières. As rodovias ao sul passam por Estrie e Centre-du-Québec (LAURIN, 2009).

Ainda conforme a Tabela 3, fazem parte da relação das regiões administrativas que mais perderam empregos industriais em termos relativos e absolutos, entre 1996 e 2012. As RA's de Montréal e Estries perderam, ambas, mais de 30 mil empregos gerados pela indústria de transformação em 2012. As RA's Mauricie, Outaouais e Saguenay-Lac-Saint-Jean, essas com menos de 20 mil postos de trabalho vinculados a indústria de transformação.

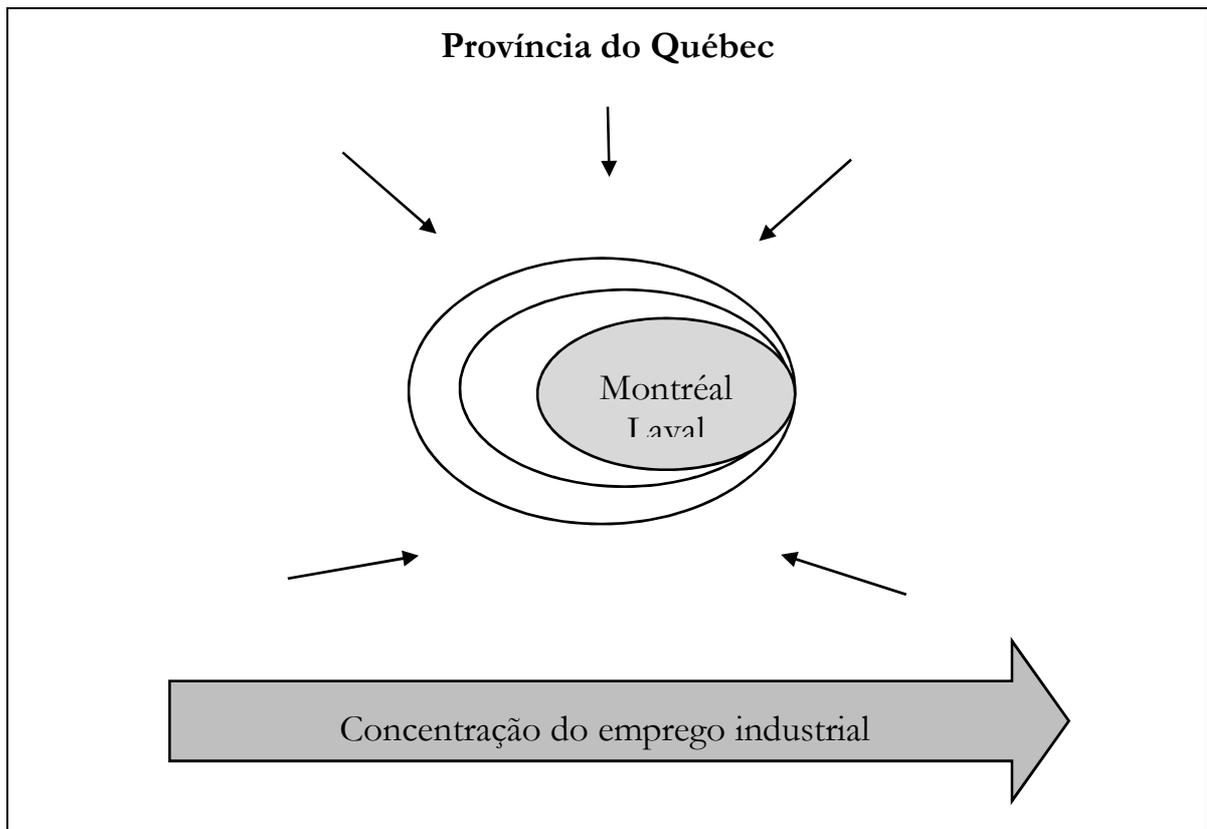
De forma ampla, a Província do Québec presenciou, no período analisado, uma situação inversa da verificada na Região Sul do Brasil, uma vez que se observou que as RA's ganhadoras foram as com um parque industrial consolidado e relativamente próximas dos grandes centros urbanos.

O cenário visualizado na Província do Québec encontra nos apontamentos de Georges Benko algumas evidências. O aglomerado urbano Montréal-Laval está se especializando cada vez mais como um centro de negócio e de serviço. Apresenta um entorno onde o setor de transformação ainda é representativo, caracterizando assim a tendência descrita pelo autor ao sinalizar a possível formação de megapolos ou tecnopolos, dependendo do subsetor industrial alocado nesse espaço.

Em adição, observou-se para o Québec um duplo movimento, o emprego industrial das regiões administrativas de Montréal e Laval passaram a gravitar o entorno dessas RA's e o emprego industrial de regiões periféricas deslocou-se em direção a esse campo de gravitação.

Assim, não houve, de maneira perceptível, um espraiamento do setor industrial pela Província do Québec entre 1996 e 2012, sinalizando para o fato de que a maior parte do movimento do setor deu-se no interior de espaços já consagrados. Destaca-se que as atividades produtivas no Québec apresentam desde muito tempo uma concentração geográfica em poucos espaços, muitos destes pertencentes a mesma região administrativa (RA). Desse modo, percebeu-se que houve o aumento da força polarizadora destes centros produtivos. A Figura 2 destaca a espacialidade do emprego industrial no Québec.

Figura 2 Espacialidade do emprego industrial - Québec



Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa.

A Figura acima representa o movimento de concentração do setor industrial e de centralização de emprego na Província do Québec. Tal situação reforça o fenômeno ilustrado para a Província por outros estudos: a criação da riqueza está dispersa no espaço territorial, ou seja, é policêntrica, e, no entanto, a dinâmica industrial e populacional está cada vez mais concentrada em poucos pontos do espaço, é monocêntrica.

Considerações finais

Esta análise comparativa entre a Região Sul do Brasil e a Província do Québec no Canadá permitiu compreender a configuração do emprego industrial e identificar possíveis tendências do ordenamento produtivo espacial. Para tanto, procurou-se relacionar as microrregiões ganhadoras e perdedoras na Região Sul do Brasil, em termos de dinâmica do emprego industrial, comparando-as com as regiões administrativas (RA's) ganhadoras e perdedoras na Província do Québec no Canadá. Em adição, discutiu-se a distribuição e a evolução do emprego industrial fundamentada nas proposições de Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999, 2001).

Observou-se que a movimentação do emprego industrial dissolveu a exclusividade das regiões metropolitanas na alocação do emprego na Região Sul do Brasil, permitindo uma especialização maior do espaço na indústria de transformação. Inevitavelmente, esse processo promove uma mudança na dinâmica demográfica. Tendo em vista que as regiões iniciais de atração do emprego industrial eram também os grandes centros urbanos, após essa desconcentração, as cidades médias passaram a registrar maior contingente populacional e constituíram-se em um espaço cada vez mais atrativo para a localização das atividades industriais. De forma comparativa, esse fenômeno foi observado de forma menos intensa e mais restrita na Província do Québec.

Assim, quanto aos espaços ganhadores e perdedores, observou-se que os maiores ganhos em termos de emprego industrial, no período entre 1996 e 2013, na Região Sul não podem ser atribuídos aos grandes centros urbanos, ou, mais especificamente, as grandes regiões metropolitanas.

A reconfiguração do emprego industrial proporcionou um significativo surgimento de microrregiões industriais de médio porte, bem como o espraiamento do emprego para espaços não tradicionais, ou seja, distantes dos grandes centros urbanos ou do polígono industrial identificado por outros autores.

Em geral, a tendência apontada por Benko e Lipietz (1994) e Benko (1999, 2001) não foi confirmada na Região Sul do Brasil. A maior parte das regiões ganhadoras identificadas no espaço em discussão não podem ser vinculadas às regiões metropolitanas ou a centros urbanos representativos e já consolidados como espaços industriais no cenário nacional.

Esse fenômeno talvez esteja associado à presença de aglomerados produtivos industriais dispersos de maneira considerável pela Região Sul do Brasil, aspecto considerado pelo autor para minimizar o efeito da concentração industrial nas regiões metropolitanas ou espaços urbanos historicamente consagrados com a presença do setor de transformação.

Na Província do Québec, entre as regiões perdedoras, destacam-se as com menos de 20 mil empregos industriais. Reforça a hipótese de que a geração de riqueza na província seja policêntrica, com geração de emprego de forma regionalmente concentrada. Algo que não pode ser afirmado para a Região Sul do Brasil, haja vista que as regiões que mais ganharam em termos de expansão do emprego industrial foram microrregiões consideravelmente distantes dos grandes centros urbanos.

Assim, observou-se que o emprego industrial na Província do Québec continua concentrado nas regiões administrativas onde as primeiras incidências em relação às concentrações industriais foram observadas. Em função das externalidades negativas resultantes da concentração urbana e, em certa medida, da própria concentração industrial, o emprego industrial no Québec deslocou-se das cidades de Montréal e Laval para seus espaços limítrofes. Todavia, essas cidades continuam

sendo polos de crescimento regional de primeira ordem, pois são representativos frente ao cenário nacional.

Referências

BENKO, G. A recomposição dos espaços. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 1, n. 2, p. 7-12, 2001.

BENKO, G. B. Desenvolvimento regional e indústria de alta- tecnologia: um estudo das dinâmicas locativas. **Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia**, v. 28, n. 5556, p. 73-100, 1993.

BENKO, G. B. El impacto de los tecnopolos en el desarrollo regional: una revisión crítica. **EURE**, v. 24, n. 73, p. 30-43, 1998.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Huicitec, 1999.

BENKO, G. Mundialização da economia, metropolização do mundo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v. 1, n.15, p.45-54, 2002.

BENKO, G.; LIPIETZ, A. O novo debate regional. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Orgs.). **As regiões ganhadoras: distritos e redes, os novos paradigmas da geografia econômica**. Lisboa: Celta, 1994, p. 3-18.

DINIZ, C. C. Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização. **Nova Economia (UFMG)**, v. 3, n. 1, p. 35-64, 1993.

INSTITUTO DE ECONOMIA APLICADA (IPEA). **IPEADATA**, 2015. Disponível em: <<http://www.ipeadata.com.br>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

LAURIN, F. Géographie économique et éloignement régional au Québec. **Informe LaRePe**, v. 9, n. 3, p. 1-5, 2009.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). **Banco de dados da RAIS**, 2014. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MOREIRA, I. T.; FERNANDES, M. de F. D. Redistribuição do emprego industrial no Brasil. **Revista OKARA: geografia em debate**, v. 7, n. 2, p. 255-276, 2013.

STATISTIQUE CANADA. **Banque de données CANSIM**, 2015. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

Endereço para correspondência:

Isabela Barchet – isabelabarchet@hotmail.com
Rua da Faculdade, 645 - Jardim La Salle
85.903-000 Toledo/PR, Brasil

Jandir Ferrera de Lima – jandirbr@yahoo.ca
Rua da Faculdade, 645 - Jardim La Salle
85.903-000 Toledo/PR, Brasil

Alberto Alves da Rocha – albertodarocha@hotmail.com
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Campus Uvaranas
84030-900 Ponta Grossa/PR, Brasil